

Lede.

Pede o uso que se dê um prólogo ao livro, como um pórtico ao edifício; e como este deve indicar por sua construção a que divindade se consagra o templo, assim deve aquele designar o caráter da obra. Santo uso de que nos aproveitamos, para desvanecer alguns preconceitos, que talvez contra este livro se elevem em alguns espíritos apoucados.

É um livro de poesias escritas segundo as impressões dos lugares: ora sentado entre as ruínas da antiga Roma, meditando sobre a sorte dos impérios; ora no cimo dos Alpes, a imaginação vagando no infinito como um átomo no espaço; ora na gótica catedral, admirando a grandeza de Deus, e os prodígios do Cristianismo; ora entre os ciprestes que espalham sua sombra sobre túmulos; ora enfim refletindo sobre a sorte da Pátria, sobre as paixões dos homens, sobre o nada da vida. São poesias de um peregrino, variadas como as cenas da natureza, diversas como as fases da vida, mas que se harmonizam pela unidade do pensamento e se ligam como os anéis de uma cadeia; poesias d'alma e do coração, e que só pela alma e o coração devem ser julgadas.

Quem ao menos uma vez separou-se de seus pais, chorou sobre a campa de um amigo, e, armado com o bastão de peregrino, errou de cidade em cidade, de ruína em ruína, como repudiado pelos seus; quem, no silêncio da noite, cansado de fadiga, elevou até a Deus uma alma piedosa e verteu lágrimas amargas pela injustiça e misérias dos homens; quem meditou sobre a instabilidade das cousas da vida e sobre a ordem providencial que reina na história da Humanidade, como nossa alma em todas as nossas ações; esse

achará um eco de sua alma nestas folhas que lançamos hoje a seus pés, e um suspiro que se harmonize com o seu suspiro.

Para bem se avaliar esta obra, três cousas releva notar: o fim, o gênero e a forma.

O fim deste livro, ao menos aquele a que nos propusemos, que ignoramos se o atingimos, é o de elevar a poesia à sublime fonte de onde ela emana, como o eflúvio d'água, que da rocha se precipita e ao seu cume remonta, ou como a reflexão da luz ao corpo luminoso; vingar ao mesmo tempo a poesia das profanações do vulgo, indicando apenas no Brasil uma nova estrada aos futuros engenheiros.

A poesia, este aroma d'alma, deve de contínuo subir ao Senhor; som acorde da inteligência deve santificar as virtudes e amaldiçoar os vícios. O poeta, empunhando a lira da Razão, cumpre-lhe vibrar as cordas eternas do Santo, do Justo e do Belo.

Ora, tal não tem sido o fim da maior parte dos nossos poetas; e o mesmo Caldas, o primeiro dos nossos líricos, tão cheio de saber, e que pudera ter sido o reformador da nossa poesia, nos seus primores de arte, nem sempre se apoderou desta ideia; compõe-se uma grande parte de suas obras de traduções e, quando ele é original, causa mesmo dó que cantasse o homem selvagem de preferência ao homem civilizado, como se aquele a este superasse, como se a civilização não fosse obra de Deus, à que era o homem chamado pela força da inteligência, com que a Providência dos mais seres o distinguira!

Outros apenas curaram de falar aos sentidos; outros em quebrar todas as leis da decência!

Seja qual for o lugar em que se ache o poeta, ou apunhalado pelas dores, ou ao lado de sua bela, embalado pelos prazeres; no

cárcere, como no palácio; na paz, como sobre o campo da batalha; se ele é verdadeiro poeta, jamais deve esquecer-se de sua missão e acha sempre o segredo de encantar os sentidos, vibrar as cordas do coração e elevar o pensamento nas asas da harmonia até às ideias arquétipasⁱ.

O poeta sem religião e sem moral é como o veneno derramado na fonte, onde morrem quantos procuram aí aplacar a sede.

Ora, nossa religião, nossa moral é aquela que nos ensinou o Filho de Deus, aquela que civilizou o mundo moderno, aquela que ilumina a Europa e a América: e só este bálsamo sagrado devem verter os cânticos dos poetas brasileiros.

Uma vez determinado e conhecido o fim, o gênero se apresenta naturalmente. Até aqui, como só se procurava fazer uma obra segundo a arte, imitar era o meio indicado: fingida era a inspiração, e artificial o entusiasmo. Desprezavam os poetas a consideração se a Mitologia podia, ou não, influir sobre nós: com tanto que dissessem que as Musas do Heliconⁱⁱ os inspiravam, que Feboⁱⁱⁱ guiava seu carro puxado pela quadriga^{iv}, que a Aurora^v abria as portas do Oriente com seus dedos de rosas, e outras tais e quejandas^{vi} imagens tão usadas, cuidavam que tudo tinham feito, e que com Homero^{vii} emparelhavam, como se pudesse parecer belo quem achasse algum velho manto grego e com ele se cobrisse; antigos e safados ornamentos, de que todos se servem, a ninguém honram.

Quanto à forma, isto é, a construção, por assim dizer, material das estrofes, e de cada cântico em particular, nenhuma ordem seguimos, exprimindo as ideias como elas se apresentaram, para não destruir o acento da inspiração; além de que, a igualdade dos versos, a regularidade das rimas e a simetria das estâncias produz uma tal

monotonia e dá certa feição de concertado artifício que jamais podem agradar. Ora, não se compõe uma orquestra só com sons doces e frutados; cada paixão requer sua linguagem própria, seus sons imitativos, e períodos explicativos.

Quando em outro tempo publicamos um volume das poesias da nossa infância, não tínhamos ainda assaz refletido sobre estes pontos e em quase todas estas faltas incorremos; hoje porém cuidamos ter seguido melhor caminho. Valha-nos ao menos o bom desejo, se não correspondem as obras ao nosso intento; outros mais mimosos da Natureza farão o que não nos é dado.

Algumas palavras acharão neste livro que nos dicionários portugueses se não deparam; mas as línguas vivas se enriquecem com o progresso da civilização e das ciências, e uma nova ideia pede um novo termo.

Eis as necessárias explicações para aqueles que leem de boa fé e se aprazem de colher uma pérola no meio das ondas; para aqueles, porém, que com olhos de prisma tudo decompõem e como as serpentes sabem converter em veneno até o néctar das flores, tudo é perdido; o que poderemos nós dizer-lhes?... Eis mais uma pedra onde afiem suas presas, mais uma taça onde saciem sua febre de escárnio.

Este livro é uma tentativa, é um ensaio; se ele merecer o público acolhimento, cobraremos ânimo e continuaremos a publicar outros que já temos feito e aqueles que fazer poderemos com o tempo.

É um novo tributo que pagamos à Pátria, enquanto lhe não oferecemos cousa de maior valia; é o resultado de algumas horas de repouso, em que a imaginação se dilata, e a atenção descansa, fatigada pela seriedade da ciência.

Tu vais, oh livro, ao meio do turbilhão em que se debate nossa Pátria; onde a trombeta da mediocridade abala todos os ossos e desperta todas as ambições; onde tudo está gelado, exceto o egoísmo: tu vais, como uma folha no meio da floresta batida pelos ventos do inverno e talvez tenhas de perder-te antes de ser ouvido, como um grito no meio da tempestade.

Vai; nós te enviamos, cheios de amor pela Pátria, de entusiasmo por tudo que é grande, e de esperanças em Deus, e no futuro.

ADEUS!

Paris, julho de 1836.

ⁱ Modelo, padrão ou exemplar originário transcendente, que funciona como essência e princípio explicativo para todos os objetos da realidade material.

ⁱⁱ É uma montanha na região de Téspias, na Beócia, Grécia, celebrada na mitologia grega e considerada sagrada pelas musas.

ⁱⁱⁱ Deus Romano identificado como Apolo na mitologia grega.

^{iv} Carro conduzido por quatro cavalos, lado a lado, utilizado em jogos olímpicos antigos e outros jogos. É considerada também a carruagem dos deuses na mitologia grega.

^v Deusa romana do amanhecer.

^{vi} Referente à mesma natureza, semelhante.

^{vii} Poeta épico da Grécia Antiga.

Texto transcrito e anotado pela acadêmica Sintia da Motta, do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus de Pato Branco, sob a orientação do professor Ulisses Infante. A ortografia foi atualizada segundo o Acordo Ortográfico de 1990. A pontuação e o uso de iniciais maiúsculas foram uniformizados de acordo com os padrões atuais.

Este trabalho integra o projeto "Diálogos Lusófonos: apontamentos de Gonçalves de Magalhães, Almeida Garrett e Alexandre Herculano para Crítica Literária no Brasil e em Portugal". Este projeto conta com o apoio financeiro do CNPq. Em caso de citação deste texto, pede-se que se mencione o projeto de que faz parte e o apoio financeiro do CNPq.

O texto original se encontra no exemplar da segunda edição (1859) da obra *Suspiros Poéticos e Saudades*, p. 11 – 17, de Domingos José Gonçalves de Magalhães, oferecido pela coleção Brasileira, da Universidade de São Paulo, cuja ficha completa se reproduz a seguir:

Autor: Araguaia, Domingos José Gonçalves de Magalhães, Visconde de, 1811-1882

Título: Suspiros poeticos e saudades

Local de Publicação: Paris : Morizot

Ano de Publicação: 1859

Descrição Física: 359 p.

Idioma: Português

Direitos: Domínio público

Edição: 2ª ed. correcta e augmentada

Assunto:

Literatura brasileira - Séc. XIX

Poesia - Séc. XIX - Brasil

URI: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01088900>

Tipo: Livro

Referências bibliográficas:

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico Etimológico da Mitologia e da Religião Grega* - vol I. Petrópolis: Vozes, 1991.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico Etimológico da Mitologia e da Religião Grega* - vol II. Petrópolis: Vozes, 1992.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico Etimológico da Mitologia e da Religião Romana*. Petrópolis: Vozes, 1993.

BULFINCH, Thomas. O livro da mitologia: histórias de deuses e heróis. Tradução de Luciano Alves Meira. São Paulo: Martins Claret, 2006.

CANDIDO, A. Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. 6ª Ed. Belo Horizonte. Editora Itatiaia Ltda. 2000.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em:
< <http://www.priberam.pt> > Acesso em Dez/2013.

DUARTE, M, de F, D. Primórdios do Nacionalismo Musical as "Ideias sobre a Música" de Manuel de Araújo Porto-Alegre. In: Nitheroy: revista brasiliense, ciencias, letras e artes, t. 1, n. 01 e n. 02. Ana Beatriz Demarchi Barel (org.) Minerva Coimbra. 2006. p 107 a 115.

FRANCHETTI, P. Gonçalves de Magalhães e o Romantismo no Brasil. In: Revista de Letras. São Paulo. Jul/dez, 2006. p. 123.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

NITHEROY : revista brasiliense, ciencias, letras e artes, t. 1, n. 01 e n. 02, Paris, 1836. Disponível em:

<<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/03512810>>. Acesso em:
SET/2012.